



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

UM ESTADO DE EXILIÊNCIA E DESLOCAMENTO EXISTENCIAL NAS PERSONAGENS CELINA E HARUKI, NO ROMANCE *RAKUSHISHA*, DE ADRIANA LISBOA



A STATE OF EXILE AND EXISTENTIAL DISPLACEMENT IN THE CHARACTERS CELINA AND HARUKI FROM *RAKUSHISHA*, BY ADRIANA LISBOA

Haline Nogueira da Silva DOMINGUES
Universidade Estadual de Maringá, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 02/07/2019 • APROVADO EM 12/12/2019

Resumo

O artigo perfaz uma análise do romance *Rakushisha* (2007), de Adriana Lisboa, pelo viés do deslocamento das personagens Celina e Haruki em busca de um lugar de pertencimento e redescobrimto do próprio eu. Neste contexto, a perspectiva teórica da exiliência e do exílio compõe as proposições significativas emanadas de uma narrativa que expõe a vida de personagens fragmentados e exilados de si mesmos. A obra, produzida no contexto da pós-modernidade, de autoria feminina, é um celeiro de silêncios, crise identitária, desajustes emocionais, desencontros e caminhos que precisam ser desfeitos e refeitos pelas personagens

principais. De maneira envolvente e lírica, o enredo de *Rakushisha*, palavra que intitula a obra e significa cabana dos caquis caídos, exterioriza uma geografia poética mesclada por traduções de haicais e trechos do diário de Matsuo Bashô, poeta japonês, responsável por codificar e estabelecer o cânone do haikai japonês. Metodologicamente, para compor a análise do romance, este trabalho busca referências e diálogo com os estudos de Bauman (2001), Nuss (2016), Said (2003), Zolin (2009), entre outros.

Abstract

The article is an analysis of Adriana Lisboa novel *Rakushisha* (2007), through the bias of the displacement of the characters Celina and Haruki in search of a place of belonging and rediscovery of self. In this context, the theoretical perspective of exile and exile makes up the significant propositions emanating from a narrative that exposes the lives of fragmented and exiled characters from themselves. The work, produced in the context of postmodernity, with female authorship, is a granary of silences, identity crisis, emotional mismatches, mismatches and paths that need to be undone and redone by the main characters. In an engaging and lyrical way, *Rakushisha's* plot, the title of the work and meaning hut of the fallen persimmons, exteriorizes a poetic geography mixed with translations of haiku and excerpts from the diary of Matsuo Bashô, the Japanese poet, responsible for codifying and establishing the canon from Japanese haikai. Methodologically, to compose the analysis of the novel, this work seeks references and dialogue with the studies of Bauman (2001), Nuss (2016), Said (2003), Zolin (2009), among others.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: *Rakushisha*. Autoria feminina. Exílio. Pertencimento.

KEYWORDS: *Rakushisha*. Female authorship. Exile. Belonging.

Texto integral

Considerações Iniciais

O romance *Rakushisha* (2007), de Adriana Lisboa, escrito em estilo delicado e preocupado com os detalhes de um cotidiano ocidental e oriental, vivenciado pelos personagens Celina e Haruki, tematiza as experiências de superação de traumas, de dores e de indefinições pessoais, inclusive, em relação a sua própria identidade e cultura, tão arraigadas ao cenário circundante aos personagens que sentem a necessidade de buscar uma pluralidade de sujeição. É nesse cenário que acompanhamos as instabilidades, fragmentação e desajustes do sujeito contemporâneo frente aos embates sociais e psicológicos em que está diariamente inserido. Em uma aventura ao Japão, exilados por decisão própria no oriente, os

personagens¹ tentarão redescobrir seus sentimentos por meio de um recomeço e a conquista de um anonimato que é obtido através da solidão, no caso de Celina; e da recuperação de um feixe identitário esquecido e esmaecido, tratando-se de Haruki.

Escrito por Adriana Lisboa, o romance confere voz à personagem Celina, de modo que suas dores e frustrações são delineadas a partir de um caráter identitário expressivo de autonomia e do não silenciamento. A busca por si própria, já destaca a representação da mulher na literatura feminina, ainda subestimada e não reconhecida pelo cânone e campo literário, de modo geral, marcadamente masculino. Apesar do destaque dado a Celina, sua voz é um eco de silêncios entrecortados pelos haicais – versos concisos e objetivos em que se opera com grande intensidade a carga poética.

A autora figura, assim, no cenário da literatura de autoria feminina, como uma das grandes vozes merecedora de destaque nacional e internacional. Além de escritora, Lisboa é tradutora e pesquisadora na Universidade do Novo México, nos EUA. Seus romances sintetizam as histórias e vivências de mulheres que encontram seu eu, que trilham seus caminhos, dando um passo de cada vez, em busca daquilo que é seu, por direito, sem a intermediação exclusiva do homem/macho.

Nosso olhar investigativo sobre a obra também se enveredou pela busca de outros trabalhos desenvolvidos a respeito de *Rakushisha*, a fim de investigar pontos de convergência e divergência de análise, até mesmo para nos orientar em direção a temas menos explorados ou talvez, reforçá-los em um sentido complementar de discussão, uma vez que este romance abre um leque de possibilidades interpretativas aos leitores e pesquisadores da escrita feminina e de temas relacionados ao universo dos Estudos Culturais. Ao pesquisarmos em bancos de dissertações, teses e artigos encontramos alguns trabalhos relevantes que ora mencionamos². Destacamos que não fizemos recortes ou citações de tais pesquisas, mas as leituras desses materiais certamente compõem nossa percepção e influenciou nossa escrita neste artigo.

Assim, este artigo, considerando o contexto contemporâneo, no qual encontramos-nos inseridos, permeado pelas discussões acerca da representatividade nos diversos campos culturais e sociais incita algumas reflexões sobre o exílio voluntário, pelo qual Celina e Haruki passam em busca de suas identidades e superação de suas angústias e dores existenciais, de maneira que suas vozes não se sobrepuseram uma sobre a outra, mas concomitantemente, ambos os personagens, encontram no recomeço, em uma terra estrangeira, no não-lugar, o alimento para suas almas cansadas e despropositadas, típicas da modernidade líquida³, ideia contextualizada por Bauman (2001).

¹ Celina, uma mulher jovem, carioca, artesã de bolsas de tecido, separada do marido, que vive uma dor profunda, necessitando buscar em outros espaços, no silêncio e no exílio, a sua identidade e renovação de vida. Haruki é um jovem carioca e tradutor que recebe como incumbência o trabalho de ilustrar a versão traduzida do *Diário de Saga*, de Bashô, poeta japonês.

Rakushisha – A cabana dos cáquís caídos: reflexões sobre o exílio, exilância e a busca pelo eu

A obra *Rakushisha*, nos fala sobre a viagem que Haruki precisa fazer ao Japão, a fim de pesquisar mais sobre o poeta inventor do haikai, Matsu Bashô, após receber uma proposta de trabalho como ilustrador de uma tradução em língua portuguesa do *Diário da Saga*, de autoria do poeta japonês. O personagem, de origem oriental, não se vê e não se sente como tal, não sabendo nem mesmo a língua de seu povo. Vivendo no Rio de Janeiro, desde seu nascimento, Haruki não se considera digno de carregar um par de olhos puxados por aí: “O Japão não tinha nada a ver com sua vida e com seus olhos puxados” (LISBOA, 2007, p. 36).

No metrô do Rio de Janeiro, de volta da visita ao consulado japonês, Haruki encontra a também carioca Celina. Em uma reação impulsiva, ele a convida para viajar ao oriente e esta aceita, como quem recebe as rédeas do destino sem relutar. Dias depois, chegando ao Japão, Haruki segue para Tóquio em viagem de estudo e descoberta cultural e Celina fica em Kyoto.

Em Kyoto, antiga capital japonesa e cidade onde viveu Bashô, ela passa a escrever um diário sobre as impressões de seu olhar estrangeiro, seu anonimato objetivado em solidão e sobre a convivência com a dor e traumas que busca superar: a morte da filha, Alice, e a separação do casamento com Marco. Talvez, por isso tenha aceito o desafio da aventura e seu gratuito exílio no Japão, uma terra totalmente ignota, ao lado de um sujeito também incógnito.

Haruki, assim como Celina, também sofre com perdas. Há pouco, havia perdido seu pai. Portanto, são duas pessoas fendidas pela vida que se encontram, por acaso, no metrô, e decidem se unir em uma viagem longa, para um lugar misterioso e novo para ambos, uma viagem de nascimentos, à procura de um recomeço, de recuperação da do caráter identitário esquecido ou perdido.

A narrativa já se inicia destacando o postulado de que as coisas acontecerão em um ritmo pautado pelo natural, pelo devir, sem pressa e afobação, assim como são as ações que devem nos levar ao aprendizado e descoberta pessoal:

Para andar, basta colocar um pé depois do outro. Um pé depois do outro. Não é complicado. Não é difícil. Dá para ter em mente pequenas metas: primeiro só a esquina [...]. Seja como for. É só colocar um pé depois do outro. Um pé depois do outro. Ignorar o peso das pernas [...]. Posso ir bem devagar, porque estou sozinha. Posso escolher o ritmo da minha dificuldade de caminhar, o ritmo do peso das minhas pernas [...]. Essa é a verdade da viagem. Eu não sabia. A viagem nos ensina algumas coisas. Que a vida é o caminho e não o ponto fixo no espalho [...] e aquilo que possuímos de fato, nosso único bem, é a capacidade de locomoção. É o talento para viajar. [...]. Mas é preciso ter pequenas metas. Um pé depois

do outro. Até que o peso das pernas se anule e caminhar seja quase fácil, quase corriqueiro (LISBOA, 2007, p. 9-13).

Nesta primeira parte do livro, Celina nos convence de que sua estada no Japão é uma forma de aprendizado que ocorrerá de maneira lenta e gradual, mas que promete ser bastante frutífera. A frase repetida diversas vezes ao longo do romance “Um pé após o outro” destaca uma espécie de mantra responsável por impulsionar as mudanças da personagem.

Em Kyoto, escrevendo seu diário, incentivada, talvez, pelos belíssimos papéis disponíveis em diversas lojas e livrarias e em um tom de justificativa, Celina se refere a sua viagem:

Essa é a verdade da viagem. Eu não sabia. A viagem nos ensina algumas coisas. Que a vida é o caminho e não o ponto fixo no espaço. Que nós somos feitos a passagem dos dias e dos meses e dos anos [...] e aquilo que possuímos de fato, nosso único bem, é a capacidade de locomoção. É o talento para viajar (LISBOA, 2007, p. 11).

Neste excerto, Celina evidencia sua noção consciente de não pertencimento e exiliência, conceito debatido por Nouss, na obra *Pensar o exílio e a migração hoje* (2016), isto é, há uma condição e consciência dessa experiência no exílio, há um sentimento de que se está fora para descobrir o interior. A noção de exiliência, tomada do neologismo proposto por Alexis Nouss em *La condition de l'exilé* (2015), refere-se à designação de “um núcleo existencial comum a todas as experiências de sujeitos migrantes”. Este estado de não pertencimento e de estar fora de si e de um espaço cerceado por características concernentes à um fator identitário, seja de nacionalidade ou de afeição, são expressos no excerto:

Eu não nasci aqui. Não sei se você está interessado em saber. Sou do outro lado do planeta. Pode-se dizer que vim escondida dentro da bagagem de outra pessoa. É como se eu tivesse entrado clandestina, apesar do visto no meu passaporte. De fininho, para que não me vissem, para que não vissem as coisas invisíveis que eu trazia na mala. Que ninguém me veja ainda, que ninguém suspeite. Nesse sentido sou bem mais ocidental do que você, amigo de capa amarela. Não pertença a este lugar (LISBOA, 2007, p. 9).

Celina vê um cachorro labrador, e silenciosamente faz perguntas sobre a origem daquele cão que provavelmente tenha nascido ali, no Japão, diferentemente dela. O discurso estabelecido consigo mesma, permite a si mesma uma tomada de consciência sobre o lugar em que se encontra e sobre quem de fato, isto é, nesse momento a personagem toma consciência de que é preciso buscar a si mesma, por

meio de experimentações e aprendizagens graduais, os quais poderão resultar em um benefício típico da prática de paciência. A espera pelo momento de acomodação, ou seja, a experiência em que Celina, de fato, se descobrirá livre por dentro e por fora de si mesma.

Sua necessidade de invisibilidade e clandestinidade soa como algo suspeito: “Que ninguém me veja ainda, que ninguém suspeite”. A consciência de exiliência da personagem não é passiva, como afirma Nouss: “Não existe nenhuma passividade na exiliência, porquanto não é sinal nem de ausência nem de perda; pelo contrário, representa a afirmação de um *ethos*” (NOUSS, 2016, p. 53, grifo do autor). Neste sentido, a dupla de palavras, condição e consciência, traduz as ligações entre o externo e o interno, sensações e sentimentos, entre o real e o abstrato, articulações estas que a personagem empreende ao longo de todo romance, a fim de refletir sobre sua condição de exiliência como um trunfo para a realização de seu intento: a superação de seus traumas por meio de um renascimento.

Mesmo sendo carioca, vivendo em sua terra natal, Celina sentia-se deslocada, fora e alheia a si e a sua nação. Os espaços, o lugar e o não-lugar em que ocupa no mundo, passam a ser insistentemente irrelevantes para ela; daí a repetição da oração, em uma espécie de mantra ritualístico: “A viagem sempre é pela viagem em si. É para ter a estrada outra vez debaixo dos pés” (LISBOA, 2007, p. 85); ou ainda, a reafirmação de sua consciência de não pertencimento a lugar algum, seja no Japão ou no Brasil:

Gosto dessa familiaridade da estranheza, de que de repente me dou conta. Gosto de me sentir assim alheada, alguém que não pertence, que não entende, que não fala. De ocupar um lugar que parece não existir [...]. Qual é o lugar que eu ocupo no mundo? Tem nome, esse lugar? Tem dimensões? Altura, largura, profundidade? Será um som, apenas, ou um gesto, ou um cheiro, ou uma possibilidade nunca explorada? O contrário do som. O contrário de um gesto – imobilidade, potencialidade. Desistência? (LISBOA, 2007, p. 89).

O exílio experimentado pela protagonista é demonstrado tanto pelo caráter geográfico quanto pelo exílio existencial no trecho anterior. O externo e o interno, conflui para um embate entre os desejos e anseios de Celina. Sentir-se pertencida por um lugar e pertencer a um lugar físico, com som e cheiro – este, talvez, seja o alvo almejado.

Por estes excertos, percebemos o quanto há de ausências em Celina. Ausências que não podem ser preenchidas por lugares, porque nenhum lugar parece existir. Esse sentimento de exílio dentro de si própria e também do exílio geográfico, segundo Said, é compelido por um estranhamento: o exílio “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o seu eu e seu verdadeiro lar” (2003, p. 46). Neste texto, “Reflexões sobre o exílio”, Edward Said dialoga sobre o exílio enquanto despatriamento, aquele a que grupos de pessoas são submetidos:

O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade. O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência (SAID, 2003, p. 58).

O estrangeiro, em terra alheia, observa os detalhes da configuração arquitetônica e demais formas e composições. Atenta-se para a papelaria, a tapeçaria, os costumes, o cão de capa amarela, mas também para outros aspectos como:

Na primeira tarde em que choveu depois que eu cheguei, as bicicletas me deixavam preocupada. Tantas pessoas de bicicleta. E fiquei preocupada com as mulheres de saltos altos e não raro pedalando bicicletas. Mas tudo se ajustou numa confluência harmônica que excluía só a mim [...] Carros, pessoas e bicicletas, guarda-chuvas e saltos altos se entendiam. Estranha, apenas eu (LISBOA, 2007, p. 31).

Na condição da personagem, seu encontro com a cidade se dá pelo não reconhecimento, pelo choque de cultura. É o olhar estrangeiro, anônimo e de indivíduo deslocado de seu lugar de vivência cotidiana, que contempla a mobilidade como algo significativo; percepção esta que talvez, seria impossível ao habitante daquele lugar:

Tenho a impressão de que todos os japoneses são magros. Já devo ter escrito isso noutra momento. Eles me parecem sempre prontos a levitar, como se mal tocassem o chão, numa elegância impossível para um ocidental. Perto deles sinto-me excessiva, bruta, desajeitada. Mas tenho tentado tratar os objetos com a reverência que eles parecem merecer aqui. O gesto de tirar os sapatos para entrar num templo, ou em casa, que é um templo também: comedido, cuidado (LISBOA, 2007, p. 58).

A mensuração do valor que cada ação detém para os japoneses, como tirar os sapatos ao adentrar em um recinto, em sinal de respeito ao interior dos ambientes, é algo observado por Celina. Outro fator analisado por ela se trata da silhueta dos orientais – magros, por manterem uma dieta mais natural e equilibrada – acrescida de outros métodos saudáveis como práticas de meditação, ioga e esportes. Tudo isso destaca ainda mais as diferenças e costumes entre seu país natal e aquele onde se busca o pertencimento.

A língua, é outro aspecto considerado na conjuntura de análise pelo viés da exilância no romance: “Como seria possível que se sentisse em casa ali, se não

entendia nem mesmo as inscrições nas placas ao seu redor? Se não tirava sentido das palavras ditas ao seu redor? Mas era uma casa. Era uma casa segura” (LISBOA, 2007, p. 38). Mesmo não se considerando pertencente a aquele espaço e não compreendendo a língua do país, a protagonista ainda recorre a adjetivação da casa: é uma casa segura. Neste trecho, vemos que a segurança, o acolhimento, a interiorização desse espaço traz uma sensação de pertencimento e adentramento na cultura do outro. É na solidão que Celina busca os ecos para sua construção identitária, não espelhada em nada que possa transmitir similitudes ou proximidades. É o desconhecido, o novo e o nascimento que impulsiona sua cura.

Em outra passagem: “Meu país foi ficando muito longe. Minha língua. De repente os rostos latinos se pulverizaram, seguiram de Amsterdam para outros destinos, e eu me tornei uma diferença” (LISBOA, 2007, p. 42), Celina, fisicamente, sente-se alheia a situação, aos lugares que a rodeia, tem a plena noção de que tudo está mudando e o que lhe era familiar, está ficando para trás. Dessa forma, é preciso definirmos que, segundo Nouss, há uma diferença entre exílio e exiliência:

O exílio não é uma entidade abstrata que permita reconhecer e nomear uma experiência; o exílio existe na experiência do exílio – o que aliás fica vincado na língua inglesa ao utilizar uma única palavra, “exile”, - uma experiência que ignora a distância a partir da qual um sistema de princípios e de concepções determina e clarifica o vivenciado, o episódio de vida. A exiliência, pelo contrário, tece a sua própria narrativa à medida da experiência, sem um enredo importado de convenções exteriores (NOUSS, 2016, p. 60).

Entretanto, no caso da obra *Rakushisha*, apesar desse exílio não ser de ordem política ou imposto violentamente aos personagens Haruki e Celina, obrigando-os a saírem do país de origem, a consciência de exiliência conflui para compreendê-lo como um fenômeno doloroso, de ordem psicológica e profundamente arraigado às experiências de frustrações pessoais que desertam os protagonistas do romance. As rupturas, perdas, fragmentação e desilusão do indivíduo, faz com que este opere por uma válvula de escape, que na contemporaneidade, assume diversas formas, inclusive a busca incessante por si próprio, como faz a protagonista.

A narrativa de *Rakushisha* é construída de maneira fragmentada, alternando o ponto de vista de primeira pessoa para o de terceira pessoa, de Celina para Haruki, do passado para o presente e para o futuro, em idas e vindas, estilo típico de escritores contemporâneos. Neste contexto, é evidenciada a busca ou recuperação de uma ou várias identidades perdidas de Haruki.

Na literatura, o conceito de identidade, atrelado ao tema da migração, exílio e diáspora, tem sofrido diversas transformações. As nações, desde sua formação mais contemporâneas, são solidificadas em sistemas de homogeneidade industrial, possuindo como marca definidora a territorialidade. Porém, hoje, não se pode mais

delinear identidades nacionais ou internacionais seguindo as prerrogativas de que o que define a identidade de um sujeito é sua língua e seu território.

Até o momento, já visualizamos que, em *Rakushisha*, temos dois personagens centrais totalmente alheios a um paradigma identitário ou territorial. No mundo contemporâneo, ou como denomina Zygmunt Bauman (2001), na modernidade líquida, os sujeitos possuem identidades híbridas, disformes, múltiplas e multifacetadas. O apego às tradições é quase imperceptível em algumas culturas, constituídas por indivíduos também fragmentados e volúveis, desengajados e resistentes a limites e barreiras:

A desintegração da rede social, a derrocada das agências efetivas de ação coletiva, é recebida muitas vezes com grande ansiedade e lamentada como efeito colateral não previsto da nova leveza e fluidez do poder cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fugitivo. Mas a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas (BAUMAN, 2001, p. 23).

Essa leveza, o desengajamento e a arte da fuga parecem pertinentes ao perfil de insociabilidade e pertencimento de Haruki:

Haruki se sentia um corpo estranho. Ele não devia estar suando. Ou que estivesse suando, mas que pelo menos falasse um japonês rudimentar. Os traços de seu rosto, seu nome, tudo lhe impunha essa responsabilidade – que, no entanto, ele nunca havia acatado [...]. Haruki sentia-se integralmente desajeitado. Tão atrasado, tão deselegante e antinipônico, que direito ele tinha de sair por aí usando um par de olhos puxados? (LISBOA, 2007, p. 15).

Mesmo, consciente de sua origem japonesa, o personagem não tem consciência sobre sua própria descendência, sua cultura e sua língua. É na ausência e no sentimento de exilado de suas raízes que se percebe o alheamento de Haruki: “é japonês, mas eu não estava lendo o livro, estava folheando. Não falo japonês. Está vendo estes símbolos? Podia ser grego. Podia ser russo. Não conheço nenhum. Vou ter que fazer um trabalho com este livro” (LISBOA, 2007, p. 18). Entretanto, mesmo com a viagem para o Japão, ele parece não se adequar ou se sentir pertencente àquela cultura: “Em Tóquio, longe de tudo, sozinho, Haruki adormeceu devagar. Havia um silêncio dentro dele, e esse silêncio era mais largo” (LISBOA, 2007, p. 37).

No protagonista, não percebemos sua associação natural com o nacionalismo. As correlações de sua origem com seus interesses eram nulas. Em Said, vemos que:

O nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para evitar seus estragos. Com efeito, a interação entre nacionalismo e exílio é como a dialética hegeliana do senhor e do escravo, opostos que informam e constituem um ao outro. Em seus primeiros estágios, todos os nacionalismos se desenvolvem a partir de uma situação de separação (SAID, 2003, p. 49).

Em outras palavras, o que o personagem sente em relação ao Japão e em relação à terra onde nasceu, são sentimentos bastante destoantes. A impressão que temos é que no oriente, o vazio e o silêncio são muito maiores do que no Brasil; ao contrário de Celina, que encontra em território estrangeiro, uma poção para sua transformação gradual e libertadora de seus traumas. Parece viver em uma espécie de privação no oriente, por não estar com o seu grupo comunal, que não são orientais.

O único fio, mesmo muito tênue, que conduz Haruki por um irresoluto interesse oriental está relacionado com Yukiko, uma jovem nissei que conheceu há um ano. Tradutora, talentosa, bonita e completamente ligada à sua nacionalidade: a japonesa. A relação entre ambos não fica evidente no romance, deixando uma incógnita no ar, bem afeita ao perfil de Haruki, inconstante, despregado, irresoluto. Apenas, sabemos que ela mexe com suas emoções e que foi um caso passado; passado para ela, talvez, mas não para ele. Mas essa jovem tradutora que, inclusive, lhe favorece esse novo trabalho de ilustrador dos diários de Bashô, não lhe sai do pensamento, nem no Brasil, nem no Japão.

Celina percebe que o amigo sente algo por Yukiko, mas não faz interrogatórios, o que torna essa relação inesperada entre viajantes desconhecidos e marcados pela instantaneidade, uma segunda incógnita:

O trabalho de Haruki era ilustrar o *Diário de Saga*. Lei e releu o diário na tradução que acabava de ser feita por Yukiko. Essa moça que usava uma aliança na mão esquerda, totalmente controversa e totalmente consistente [...]. O editor: vamos publicar a tradução de um dos diários e Bashô, o poeta japonês. A tradutora, Yukiko Sakade, sugeriu seu nome para ilustrar. Achamos uma ótima ideia. Uma aliança possível entre os dois, se aquela que ela usava na mão esquerda não queria e não podia ser removida, burlada, ignorada, apagada, sabotada, deslembada, derretida (LISBOA, 2007, p. 60, grifos da autora).

De fato, Haruki deseja Yukiko, que agora era casada e não poderia corresponder. Nesse misto de sentimentos bagunçados, Celina continua sua busca pela renovação, pelo recomeço e pela cura das dores interiores, sem que o fato de ter se aventurado mundo a fora com um homem lhe conjure qualquer tipo de responsabilidade. Sua tomada de decisão, sua partida para uma terra totalmente diferente da sua, ainda causa estranhamento ao personagem:

Haruki ainda se perguntava o que Celina tinha encontrado ali em Kyoto. E o que Celina tinha encontrado em seu coração para acompanhá-lo, aquela aceitação tão estapafúrdia de um convite estapafúrdio, suas negativas juntas formam e sempre formarão outra negativa. Se ela fugia, se corria, se acorria, se acudia, se esquecia, se lembrava, se fechava os olhos, se os abria. O desenhista e a moça que fabricava bolsas de pano dormiram juntos na mesma cama durante uma semana. Foi assim: vestidos, pegavam um travesseiro para cada um. Uma coberta para cada um [...]. Os corpos continuaram onde estavam e as luminárias das mesas de cabeceira ficaram acesas por mais algum tempo (LISBOA, 2007, p. 52).

Esse excerto sugere que Celina não vai para o Japão em busca de uma aventura amorosa, por mais que isso possa estar imbricado em toda situação. Por este ser um romance de autoria feminina, empreendemos que a mulher figurante neste texto, não é aquela que, segundo Zolin (2009, p.107), segue “a cartilha do patriarcalismo, marcado pelo cerceamento aos muros da casa, pelo silenciamento, pela maternidade incondicional, pela submissão”. Em outras palavras, em *Rakushisha*, o papel da mulher contemporânea, sem amarras e liberta de si mesma e livre para o mundo, é construído naturalmente.

Não percebemos apelos sentimentais ou de posse do corpo nesta narrativa. Celina está sozinha quando encontra Haruki. Certamente existe aí uma ponta de desejo pelo outro, como a personagem exterioriza: “A primeira coisa em que ela pensou quando ele lhe fez o convite, à porta do táxi, em pé na calçada da São Clemente, foi sexo” (LISBOA, 2007, p. 27). Mas, mesmo durante todo o tempo do voo, após uma semana que dormiram em Kyoto na mesma cama, e em toda a estada deles no Japão, o grande propósito era o autoconhecimento, a redescoberta de si. O nascimento para uma nova vida é o foco da protagonista, e não o amor, ou pelo menos este não era uma de suas prioridades, como podemos observar a partir do seguinte trecho:

Houve aquela noite em que seus olhos se cruzaram mais do que o normal. As luminárias nas mesas de cabeceira estavam acesas. Celina lia. Haruki consultava os folhetos apanhados durante o dia. E quando ela fechou o livro e se virou para ele – foi o momento em que estiveram mais próximos do lugar de silêncio onde as coisas que acontecem não têm nomes. Os olhares se tocaram como se os corpos estivessem prestes. E apenas não soubessem como

continuar, como metamorfosear olhar em tato [...]. Finalmente as palavras saíram por entre os lábios de Celina. Desgrudaram sua pele úmida, roçaram nos dentes e vingaram: é bonito, o livro, ela disse. E em algum lugar, alguma coisa muito frágil, um quase nada de esperança se rompeu (LISBOA, 2007, p. 52).

A personagem traz consigo os estigmas de perda como já mencionamos, e estar no exílio voluntário e em estado de exilância lhe favorece o aprendizado devido à consciência da necessidade de mudança. Celina não se sente à margem, como aqueles que nada conhecem e preferem se vitimizar. Apesar das diferenças e do choque de cultura, a jovem tem coisas para aprender, como afirma Said, “o exilado, deve cultivar uma subjetividade escrupulosa (não complacente ou intratável)” (2003, p. 57). Por isso, apesar de não compreender a língua, procura ajuda em folhetos explicativos e mapas, rumo à cabana dos caquis caídos:

Celina tinha dúvidas de que ainda soubesse andar de bicicleta [...]. Ia para Segano, o tranquilo distrito de Kyoto onde ficava a Rakushisha, a cabana no diário de Matsuo Bashô. Consultou seu mapa ao chegar do outro lado. Passou diante do posto de informações aos turistas e não parou. Não queria informações. Celina virou o rosto. À sua esquerda, a entrada de um templo. Era o que parecia. No horizonte, as montanhas perfiladas. A água nos olhos de Celina, que brota vinda de um lugar recém-descoberto [...]. Viajar é pela viagem em si. É para ter o caminho debaixo dos pés. Diante da Rakushisha, o campo de arroz enfileira seu verde sob o céu (LISBOA, 2007, p. 115-120).

O sentimento de pertencimento e de encontro do refúgio e exílio, para o qual caminhou seus passos, leva a jovem a desfrutar das experiências do lugar. A viagem, a qual se refere, reafirma o caráter de busca por si mesma, por suas identidades perdidas e esmaecidas. O encontro com o local que serviu de asilo para o poeta Bashô, incentiva a personagem a perceber os caminhos e suas inúmeras possibilidades de redescoberta. A fuga de um espaço geográfico a outro, ressalta a incessante busca dos sujeitos pelo lugar ideal – lugar este – em que a atmosfera e as expectativas colaboram na concepção de um novo pensamento e de uma nova tomada de fôlego – acarretando em mudanças internas e externas.

A poesia de Bashô, neste contexto, é a escada que leva Celina a uma descoberta, uma revelação de si própria: “Essa é a verdade da viagem. Eu não sabia. A viagem nos ensina algumas coisas. Que a vida é o caminho e não o ponto fixo no espaço” (LISBOA, 2007, p. 125). A razão do aceite ao convite estapafúrdio talvez esteja aí: a busca pelo novo, pelo desconhecido, pelo já conhecido, porém, revisitado.

Assim como Celina, Haruki também busca em Bashô seu repertório de identidades e ressignificação do eu e do seu lugar de pertencimento. Sua estadia oriente, as vivências e as ausências conferem-lhe um fio de realização e

identificação com sua ancestralidade, como na passagem: “A paisagem já parece familiar. O trem de regresso a Kyoto, o trem-bala que partiu de Tóquio. Haruki já é quase um deles, já é quase parte dali. Refazer um trajeto significa anotar-se no mundo” (LISBOA, 2007, p. 121).

De toda forma, o exílio, para ambas as personagens, sublima toda a gama de perdas e do caráter negativo que tal ação possa suplantar, pois nesse exílio eles, voluntariamente ou involuntariamente, circunstanciados pelas ocorrências da vida, deslocam-se para uma aventura estranha e inusitada, a qual resulta em uma experiência de exílio benéfica e comprometida em entender e viver o outro e a si mesmo, nas circunscrições de outras fronteiras.

Considerações Finais

O romance *Rakushisha* nos coloca em posição de aprendizes e de viajantes com Haruki e Celina. A angústia e a dor que cada um traz dentro si, tão silenciosas e sublimadamente destacados por Adriana Lisboa, nos permite trilhar os mesmos caminhos percorridos pelos protagonistas, nos permitindo reflexões diversas sobre nossa condição enquanto seres fragmentados, inconstantes e vazios, vivendo em uma sociedade contemporânea, as aventuras que cauterizam feridas, abrindo novos espaços em nossos cotidianos de renascimentos.

A experiência exílica, longe de tudo que lhes eram familiares, contribuiu positivamente para o alcance do amadurecimento e das descobertas pessoais que Celina e Haruki deveriam viver, a fim de que a jornada em terra estrangeira não significasse um ponto final ou uma linha de chegada, mas sim uma linha de largada para novos aprendizados, empatia e respeito para consigo mesmos e para com o lugar fonte de suas buscas.

Ao se tratar de Celina, a narrativa propõe a possibilidade de liberdade que a mulher contemporânea goza, ilimitada em suas vontades, ações e comportamentos, apesar de tal premissa não ser a regra geral. Mas, o romance incita-nos a descobrir outros campos por detrás dos muros que nos cercam e a viajar não só para fora de nossos limites territoriais e geográficos, mas também dentro de nós mesmos, em busca de alternativas e perspectivas diferentes.

Vimos, ao longo desta análise que o romance se configura por uma linguagem e estrutura fragmentada, típicos do espectro pós-moderno que nos cerceia. Atrelado a isso, o texto evidencia uma mulher forte, sensível, marcada pelas perdas afetivas, mas destemida e resoluta a encontrar novas fontes de vida, que não somente o casamento ou a maternidade. Ao perder sua filha, Alice, num acidente de carro, conduzido por Marco, seu ex-marido, Celina perde também um pouco de sua essência. Entretanto, ao receber um convite inesperado para uma viagem ao Japão, esta aceita sem pensar em prós ou contras. Isso evidencia o caráter de uma mulher independente, viva e distante dos enredos de relações asfixiantes pelos quais o gênero feminino só pode ser feliz novamente, caso seja protegida pelos braços de um homem – visão ainda estigmatizante.

Em Haruki, Celina encontra apenas uma chance para se locomover, sair do lugar comum. Longe de sua terra natal, provando as diferenças, testando as distâncias e ausências, a protagonista escreve sua história em um diário inspirada pela poesia de Bashô, pelos ensinamentos e tradições da cultura do outro, que não a outremiza, mas que a torna sujeito de si, consciente de sua incompletude no mundo, mas inevitavelmente absorvida pela vivência em um exílio gratuito e compensatório.

As reflexões sobre as mulheres de força vibrante e de atitudes perseverantes rumo a sua liberdade, bem como das teorias provenientes dos Estudos Culturais certamente não se esgotam em análises como estas empreendidas neste artigo, mas acionam novos canais de comunicação, de escuta e de representação no exercício de problematizar as situações engendradas pelos romances que, objetam apenas, serem um foco de luz sobre as sombras de um passado condicionante e masculinamente dominador, onde os movimentos libertários, como o feminista, impulsiona novos olhares, conclamando novas vozes e novas Celinas, em busca de razões de viver, pautadas na única experiência de se sentir bem, sem se importar com quem.

Notas

1 Celina, uma mulher jovem, carioca, artesã de bolsas de tecido, separada do marido, que vive uma dor profunda, necessitando buscar em outros espaços, no silêncio e no exílio, a sua identidade e renovação de vida. Haruki é um jovem carioca e tradutor que recebe como incumbência o trabalho de ilustrar a versão traduzida do *Diário de Saga*, de Bashô, poeta japonês.

2 “De nômades e exilados: (re) construção de identidades em *Rakushisha* e *Hanói*, de Adriana Lisboa” (Dissertação de Mirian Cardoso da Silva – PLE/UEM, 2017); “*Rakushisha*, de Adriana Lisboa: Uma jornada de heróis” (Artigo de Patrícia Gonçalves Tenório, publicado em 2014 pela PUC/RS); “Amores despedaçados: uma abordagem de *Rakushisha* e *Cordilheira*” (Artigo de Daniela Aragão e Elnice Albegaria Rocha, publicado em 2012 na Revista Verbo de Minas, de Juiz de Fora, v. 13, n.21, jan/jul.2012).

3 Conceito prefigurado por Zygmunt Bauman e refere-se contemporaneidade em que vivemos. É o conjunto de relações e instituições, além de sua lógica de operações, que se impõe e que dá base para a contemporaneidade. É uma época de liquidez, de fluidez, de volatilidade, de incerteza e insegurança. O estado líquido da vida, do amor, do trabalho, enfim, da essência líquida do sujeito contemporâneo é definido pelo autor como um estado transitório e rápido, tal qual o estado da água que sofre mudanças repetidas e constantes de seu estado.

Referências

ARAGÃO, Daniela; ROCHA, Elnice Albegaria. Amores despedaçados: uma abordagem de *Rakushisha* e *Cordilheira*. *Revista Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 13, n. 21, p. 119-134, jan/jul.2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LISBOA, Adriana. *Rakushisha*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

NOUSS, Alexis. *Pensar o exílio e a migração hoje*. Tradução: Ana Paula Coutinho. Porto: Afrontamento, 2016.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. In: *IPOTESI*, Juiz de Fora, v.13, n.2, p. 105-116, jul./dez. 2009.

Para citar este artigo

DOMINGUES, Haline Nogueira. Um estado de exiliência e deslocamento existencial nas personagens Celina e Haruki, no romance *Rakushisha*, de Adriana Lisboa. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 330-344, set.-dez. 2019.

A autora

Haline Nogueira da Silva Domingues é doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá – UEM e Professora de Literatura e Arte, nas turmas de Educação Infantil, na rede pública de ensino, na cidade de Campo Mourão – PR. É pesquisadora de Literatura infanto-juvenil e do poeta Manoel de Barros.